

## Traços míticos de um luto sem vestígios

Francismar Ramírez Barreto<sup>1</sup>

**Recibido:** 21/12/2018

**Evaluado:** 20/06/2019

### Resumo

Rebentar -romance de Rafael Gallo- reconstrói uma tragédia contemporânea: a do desaparecimento de um menino em uma cidade brasileira e a da necessária mudança de atitude para os que ficam. Na proposta do autor paulista, porém, chamam a atenção tanto o tema (pouco comum na ficção brasileira contemporânea) como o tempo que leva a protagonista para processar o trauma e retomar o controle da própria vida. A partir de algumas ideias de Joseph Campbell, Mircea Eliade, Vladimir Grigorieff, Roland Barthes e Albert Camus, este artigo se propõe entender alguns traços da dimensão mítica contida na obra que este autor, nascido em 1981, dedica à figura da mãe.

**Palavras-chave:** Rafael Gallo, Rebentar, romance brasileiro contemporâneo, mito.

### Abstract

Rebentar -Rafael Gallo's romance- rebuild a contemporary tragedy: the disappearance of a child in a brazilian city and the required change of attitude on the people that survive. At the proposal of the paulista author in question, however, draws attention both the theme (not so common at the brazilian contemporary fiction) and the time that the protagonist take to process her situation and regain control of her own life. From some ideas of Joseph Campbell, Mircea Eliade, Vladimir Grigorieff, Roland Barthes and Albert Camus, this paper intends to understand some traits of a mythical dimension contained in this author's work that, born in 1981, dedicates to the mother's figure.

**Key words:** Rafael Gallo, Rebentar, contemporary brazilian romance, myth.

*“El equilibrio de evidencia y lirismo es lo único que puede permitirnos llegar al mismo tiempo a la emoción y a la claridad”.* Albert Camus

O primeiro assomo deste texto nasceu na noite de 2018 em que Marco Antonio Sánchez Flores, jovem de 17 anos, desapareceu após ser detido ao norte da Cidade do México. Pesquisava sobre o tema fazia algumas semanas, por causa de um romance: Rebentar (2015), do escritor paulista Rafael Gallo. Quatro oficiais da polícia local mexicana afirmaram ter confundido Marco Antônio com um ladrão. Aficionado à fotografia,

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela UnB. Prêmio CAPES de Tese 2013 (Letras e Linguística). Pós-doutoranda em Literatura na UnB. Participante (e co-fundadora) do Grupo de Estudos Osmanianos. Email: [raminier3@gmail.com](mailto:raminier3@gmail.com). Link para o Curriculum Vitae: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4268710P1>

acompanhado por um amigo mais ou menos da idade dele e diante de um dos tantos murais urbanos da Colônia El Rosario, Marco pediu a um transeunte para fazer uma foto dele diante de um muro colorido. Do depoimento oferecido pelo amigo do estudante, mais tarde, se pode concluir que os oficiais lhe aplicaram a recorrente manobra autoritária de abusivas forças policiais: “Deter primeiro e perguntar depois”. “Confusão” foi o motivo de detenção aludido pelos oficiais na delegação de Azcapotzalco. A data, quase chegando ao fim o segundo mês do ano: terça-feira, 23 de fevereiro de 2018. Duas fotografias delimitam este caso real. A primeira mostra um moço de costas, no chão (o corpo do oficial por cima do dele), vulnerado, vestido de moletom e com as mãos atadas. A segunda -que devia ter sido motivo de alegria nacional- mostra Marco Antonio com um olhar extraviado, é um jovem golpeado, errante, com o rosto manchado de sangue e um corpo mais franzino que de costume. Isto, apenas cinco dias depois da detenção. E de um aparecimento irregular, do qual as autoridades se lavaram as mãos.

Não tinha uma ideia clara da quantidade de sumiços que acontecem diariamente em alguns países latino-americanos até que Rebentar me obrigou a pesquisar. No Brasil, onde é menos estrondoso (apesar de existente), um dos casos mais notórios foi o de “Pedrinho”: um menino raptado na maternidade do hospital Santa Lucia, em Brasília, no ano de 1986. 16 anos depois, em novembro de 2002, a sequestradora foi descoberta em Goiânia e o menino, chamado pelos pais de Pedro Rosalino Braule Pinto, passou a ser identificado com o nome de Osvaldo Martins Borges (assim conhecido pela sequestradora). Em 2002, o casal Jayro Tapajós e Maria Auxiliadora Braule Pinto dava por encerrada uma história que centos de mexicanos ainda não vêm nem remotamente no horizonte. Além de ser o tema do romance, o desaparecimento forçado de pessoas está elencado no Estatuto de Roma (1998) como crime contra a humanidade<sup>2</sup>, um dentre onze.

Aproximadamente um mês antes da notícia de Marco Antonio, no dia 21 de janeiro de 2018, o desaparecimento do repórter Agustín Silva foi documentado e reclamado

---

<sup>2</sup> Homicídio, extermínio, escravidão, deportação ou transferência forçada de uma população, prisão ou outra forma de privação da liberdade física grave, tortura, agressão sexual, perseguição de um grupo ou coletividade (por motivos políticos, raciais, nacionais, étnicos, culturais, religiosos ou de gênero), **desaparecimento forçado de pessoas**, *apartheid* e atos desumanos outros de caráter semelhante que causem intencionalmente grande sofrimento. In: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/D4388.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4388.htm), consultado em 01.02.18.

massivamente também no México. Hoje em dia, graças às redes sociais, casos que outrora fossem só nacionais rapidamente se transformam em alarmes continentais. Agustín trabalhava em El Sol Del Istmo. Ao último contato do pai com o pedido de que não voltasse tarde, o jornalista respondeu por mensagens de celular. Depois disso, só um carro abandonado dava conta de sua presença. 24 horas depois de notar a falta, a população do estado de Oaxaca solicitava a ativação imediata do Protocolo Homologado para a Busca de Pessoas Desaparecidas. O Alto Comissariado das Nações Unidas fez o chamado correspondente às autoridades. Até agora não houve pronunciamento. O caso continua aberto e Agustín Silva é o vigésimo quarto jornalista desaparecido no México, de 2003 até o dia de hoje<sup>3</sup>.

As estatísticas mexicanas não são as únicas, mas podem ser consideradas entre as mais preocupantes da vizinhança latino-americana. Talvez porque envolvam, por um lado, a inação do Estado e, por outro, a ação de agentes para-estatais. 80% dos 6.257 desaparecimentos registrados para novembro de 2017 correspondiam a adolescentes<sup>4</sup>; 6 estados deste país concentravam o 62% de todos os sumiços (entre 2006 e 2017); para junho de 2017 (segundo dados estatais), 32.096 pessoas encontravam-se em paradero desconhecido. Talvez o caso mais emblemático (ainda sem resposta) seja o dos 43 estudantes da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos, de Ayotzinapa -desaparecidos em setembro de 2014<sup>5</sup>. O Registro Nacional de Datos de Personas Extraviadas ou Desaparecidas (RNPED), no México, totaliza 8.495 mulheres desaparecidas entre 2008 e outubro de 2017<sup>6</sup>. Entre 2006 e 2018 (de acordo com dados da Fundação para a Justiça e o Estado Democrático de Direito), se reportou o sumiço de 5.452 crianças (meninas e meninos)<sup>7</sup>. Segundo um artigo do projeto multimídia México Social, os países com maior número de

---

<sup>3</sup> Segundo o registro de Article 19 MX-CA, organização internacional de DDHH pela Defesa da Liberdade de Expressão e o Direito à Informação.

<sup>4</sup> Os números fazem parte de um estudo feito pelo escritório de UNICEF-México.

<sup>5</sup> Quatro anos depois, e com uma manifestação convocada para o dia 26.09.2018 no Zócalo, Amnistia Internacional exige verdade e justiça para o caso dos “normalistas” (Marcha da Victoria Alada).

<sup>6</sup> GRAHAM NIETO, Juan José. “Desaparecidos em México: mujeres y jóvenes. Una crisis sin visión ni voz”, in: Altavoz MX (11.09.18). <https://altavz.com/2018/09/11/desaparecidos-en-mexico-mujeres-y-jovenes-una-crisis-sin-vision-ni-voz>. Consultado em: 20.09.18.

<sup>7</sup> GRAHAM, Juan. *Idem ibidem*.

desaparecimentos registrados entre 1980 e o primeiro semestre de 2016 são Iraque, Sri Lanka, Argentina, Argélia, Guatemala, Perú, El Salvador e Colômbia<sup>8</sup>.

Se o caso de Marco Antonio é grave [um adolescente levado em um automóvel oficial; um representante da autoridade que indicou como destino o Ministério Público #40 ao qual nunca chegaram; policiais cujas identificações foram resguardadas da opinião pública; um Centro de Apoio a Pessoas Extraviadas e Ausentes negado a registrar a denúncia dos pais 24 horas depois e um final que teve tudo para ser afortunado, mas resultou noutra tragédia ao mostrar um jovem vagando pela rua, com o cabelo rente, evidentemente espancado e psicologicamente lesado: sem saber o próprio nome, ainda mais magro e sem reconhecer aos pais, com os quais tinha vivido 17 anos até cinco dias antes], o epicentro da história de *Rebentar* -por incrível que pareça- é ainda mais amargo.

### **Estrutura metafórica**

A estrutura do livro se apresenta em nove capítulos, cada um se corresponde com um mês: Maio, Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março e Abril. Tão só entrar na história, a estrutura faz pensar em uma gravidez. Entre o primeiro e o segundo mês há uma brecha. Os subsequentes terão uma ordem cronológica e vistos em perspectiva (depois da leitura total) darão a sensação não de um traço linear, mas de um ciclo de deterioração que se esvaziará e se deterá. Essa sensação, percebida pelo leitor ao examinar a estrutura, é o fundamento da história escrita por Gallo.

O romance começa com uma mudança de perspectiva: “Chama-se órfão aquele que não tem pais. A condição dos pais e mães que perderam seus filhos, no entanto, nunca recebeu um nome. Não poderia haver uma palavra com a qual tocar esse tipo de perda”<sup>9</sup>. Indo do círculo maior ao menor, estamos diante de uma família que se desestrutura com a perda do integrante mais novo e da história de uma mãe que só teve oportunidade de viver com o próprio filho os cinco primeiros anos da vida do pequeno. Trinta anos se passaram até o

---

<sup>8</sup> A informação de *México Social* provém do Grupo de Trabalho sobre Desaparecimentos Forçados das Nações Unidas (junho de 2016). RENEAUM, Tania Panszi: “La incertidumbre de lo desconocido”, *México Social*. In: [mexicosocial.org](http://mexicosocial.org). Consultado em: 01.02.18.

<sup>9</sup> GALLO, Rafael. *Rebentar*. Rio de Janeiro: Record, 2015. Visto que a leitura foi feita em formato .epub, as citações do romance referir-se-ão ao capítulo e não à página. As frases citadas -primeiras do romance- estão no capítulo “Maio”.

presente da narrativa. A pertinência da escolha de Gallo terá a ver, então, não apenas com o recorte social do tema (com fortes implicações políticas), mas com o da ausência e as suas consequências nas vidas dos quem ficaram (um viés facilmente extensível a outras realidades e problemas sociais).

De nacionalidade russa, nascido em Bruselas, o filósofo Vladimir Grigorieff define o mito como “narração sagrada, portanto simbólica. História narrada, mas não qualquer uma”<sup>10</sup>. Embora a de Gallo seja uma história contemporânea, embora se acredite que muitas vezes os “objetos contemporâneos” estão desprovidos de traços míticos, Rebentar está construído sobre elementos sagrados que permitem fazer uma leitura desta natureza no romance. Temos uma mãe, um menino e os efeitos devastadores que o sumiço teve sobre os integrantes daquela comunidade. Não se deixa de falar do pai (Otávio), nem da sobrinha da protagonista (Isabela) -da mesma idade do menino, um paralelo perfeito do que poderia ter sido-, nem do grupo de apoio que dá suporte à mãe, nem da psicóloga (Suzana), mas tudo (ainda que trabalhado com profundidade) acaba sendo suplementar. A grande figura do romance é Ângela, a mãe. E se é possível afirmar que a ausência (a perda) do menino desequilibra a harmonia familiar, pois tudo fica quase paralisado por décadas (um dos efeitos devastadores dos desaparecimentos), é na mãe que tudo se concentra. Como sujeito que sofre uma perda e como sujeito pelo qual se chega a sentir enorme compaixão.

### **Sísifo no sul do continente americano**

De que outra forma pode ser interpretada uma narração -cujo epicentro é a mãe- que detalha a esperança do eterno retorno, de um ser de cuja existência se duvida a diário? A morte que Ângela experimenta hora após hora, por décadas, de tão trágica passa a ser uma experiência quase mítica. Como com Sísifo -e tendo em mente a Albert Camus: “Não há punição mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança”<sup>11</sup>. No caso da mãe, o trabalho vem a ser a busca, a espera por um homem de 35 anos que ela não conhece (mas que continuará/continuará sendo Felipe, o filho com o qual dividiu cinco aos), a constatação de que continue vivo (ou não) e a possibilidade de retomar (nem que seja de forma defeituosa) a vida. Uma vida. E é nesta inusitada (e irredutível) alteração da ordem, nesta ruptura, que o

---

<sup>10</sup> GRIGORIEFF, Vladimir. *Mitologías occidentales*. Robinbook: Barcelona, 1998, p. 13.

<sup>11</sup> CAMUS, Albert. *El mito de Sísifo*. Versão ePub v2.0, s/d.

traço mítico do romance se fratura: no instante em que Ângela observa que a espera deve terminar. De que esse “ponto final” permitir-lhe-á retomar a rotina.

Prestes a oferecer o discurso do grupo Mães em Busca, no Dia Internacional da Criança Desaparecida, numa tarde de maio, a mãe é descrita pelo narrador com estas palavras: “É diante de pais nessa condição inominável de terem filhos desaparecidos que Ângela está prestes a manifestar sua renúncia: a decisão de ter encerrado por conta própria a espera e a busca pelo seu filho, que desaparecera quando criança havia mais de trinta anos”<sup>12</sup>. A busca, vivida até esse momento como uma experiência “sem contornos precisos”<sup>13</sup> (como produto de um mandato social e, sem dúvida, afetivo) conduzirá Ângela ao resgate do próprio caminho. Com a fratura do traço mítico e a possibilidade de controle sobre o próprio tempo (no primeiro capítulo, não por acaso, a mãe chega a dizer que com o sumiço do menino “uma ferida se abriu na pele do mundo; a trama do tempo se desfez”<sup>14</sup>), a personagem retomará o curso das coisas. O que até esse momento tinha sido apenas “falta” e “medo”, passaria a ser (transposta a dor extrema) presença e confiança.

### **Luminosidade argumental (embutida no trágico)**

Tentamos, até agora, entender o argumento do romance de Rafael Gallo. Tentemos, neste instante, adentrar-nos com outras ferramentas no que pode ser entendido como “traços míticos” do romance. O mitólogo estadunidense Joseph Campbell, amplamente influenciado por James Joyce e por Thomas Mann, pode ajudar a esclarecer a centralidade da figura da mãe em algumas narrativas:

Al parecer, la más permanente de las disposiciones de la mente humana es la que se deriva de que, de todos los animales, somos los que nos alimentamos durante más tiempo del pecho materno. Los seres humanos nacen demasiado pronto; están incapacitados para enfrentarse con el mundo. En consecuencia, su única defensa frente a un universo de peligros es la madre, bajo cuya protección se prolonga el período intrauterino. De aquí que el niño dependiente y su madre constituyan meses después de la catástrofe del parto una unidad dual, no sólo física sino también psicológicamente. **Cualquier ausencia prolongada de la madre causa tensión en el niño**, e impulsos agresivos correspondientes; también cuando la madre se ve obligada a oponerse al niño provoca respuestas agresivas. De esta manera, el primer objeto de la hostilidad del niño es idéntico al primer objeto de su amor, y su primer ideal (que a partir de entonces permanece como la base

---

<sup>12</sup> GALLO, Rafael. *Op. Cit.*

<sup>13</sup> GALLO, Rafael. *Op. Cit.*: “(...) a ausência é ainda menos possível de ser definida porque é, em si mesma, algo **sem contornos precisos**, sem um limiar traçado que divisa a vida -possível de ser retomada- da morte, irreversível”. O grifo é nosso.

<sup>14</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

inconsciente de todas las imágenes de felicidad, belleza, verdad y perfección) es el de la unidad dual de la Virgen y el Niño<sup>15</sup>.

Qual outro podia ter sido o efeito, na personagem de Ângela, do extravio do filho em uma galeria urbana? Podia ter fugido da culpa? Não. Podia ter fugido da busca? Também não. Como ela diz em alguma de suas intervenções, a história de sua tragédia “teve fim assim que começou. Não houve um falecimento para colocar um ponto final”<sup>16</sup>. Uma história sem conclusão que, por incrível que pareça, termina não sendo composta como uma história perdida. Arraiga-se ali, na procura pela paz individual e na necessidade do ser humano de se refazer, uma certa luminosidade argumental.

Um traço simbólico que escorre pelo romance é a presença da água, desde o título. “Rebentar” pode significar arruinar-se, dismantelar, explodir, estourar (ações todas vividas a partir do trauma). Mas “rebentar” é, ao mesmo tempo, o que acontece com as ondas quando se fazem espuma. E as imagens líquidas se passeiam pelas páginas deste livro, quiçá pela conexão simbólica entre água e maternidade (uma ideia que pende mais para a psicanálise), possivelmente por uma preocupação temporal (outra hipótese): momentos que “seguem seu **curso** sem concessões”<sup>17</sup>, “a **corrente** dos dias continuava a se reerguer contra mim”<sup>18</sup>, “o **mar de silêncio** parecia prestes a tornar-se mais **revolto**”<sup>19</sup>, “agora ela teria de reverter as **marés** e mirar-se nesse exemplo de força como se através de um espelho”<sup>20</sup>, “o cordão de seu pensamento se perdera em lembranças muito mais distantes, que agora emergem em **ondas de ressaca** incontroláveis”<sup>21</sup>, “ela olha para todos esses movimentos futuros, sentindo-os erguerem-se em **uma única onda esmagadora** a vir em sua direção”<sup>22</sup>, “todos os pensamentos sobre meu filho, todas as memórias dele **desaguavam no mesmo mar**”<sup>23</sup>, “ela [Ângela] seria como **aqueles capitães que afundam junto com seu navio** se

---

<sup>15</sup> CAMPBELL, Joseph. *El héroe de las mil caras. Psicoanálisis del mito*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, pp. 13-14. Grifo nosso.

<sup>16</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

<sup>17</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

<sup>18</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

<sup>19</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

<sup>20</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

<sup>21</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

<sup>22</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

<sup>23</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

preciso”<sup>24</sup>, “a esse nome corresponderia o novo mar que agora se ergue lentamente em Ângela, as águas diferentes a rebentarem dentro de seu peito”<sup>25</sup>.

Seria possível seguir e seguir porque cada imagem contribuiria a entender as distintas conotações deste verbo -cinzelando aqui molde tão maternal- e ajudaria a desenhar um mapa afetivo de Ângela (das etapas nas quais é possível ver a personagem): desabrochar (lançar rebentos), ser tomado de algum sentimento, manifestar-se com ímpeto, irromper violentamente, ir à exaustão física, desfazer-se em pedaços. Note-se outro detalhe: a epígrafe colocada pelo autor paulista<sup>26</sup> provém do livro *Otras inquisiciones*, de Jorge Luis Borges. Especificamente de uma reflexão intitulada “Nueva refutación del tiempo”. Reparemos no parágrafo último do texto original:

Negar la sucesión temporal, negar el yo, negar el universo astronómico, son desesperaciones aparentes y consuelos secretos. Nuestro destino (...) no es espantoso por irreal; es espantoso porque es irreversible y de hierro. El tiempo es la sustancia de que estoy hecho. **El tiempo es un río que me arrebató, pero yo soy el río; es un tigre que me destroza, pero yo soy el tigre; es un fuego que me consume, pero yo soy el fuego.** El mundo, desgraciadamente es real; yo, desgraciadamente soy Borges<sup>27</sup>.

Como é de se supor, a escolha da epígrafe não responde apenas a uma filiação estética. Corresponde-se, isso necessariamente, com o conteúdo total da história na qual o leitor está prestes a entrar. Leia-se: a narração de uma perda e também um romance sobre o tempo que, a partir da escolha do escritor argentino, já se inicia vinculada com a água. O espelho simbólico ao qual se refere a presença líquida no romance reflete, principalmente, um **ato regenerativo**<sup>28</sup>. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant explicam que as significações da água podem reduzir-se a uma tríade de temas dominantes, sendo o primeiro o da **fonte da vida** e o segundo o de **meio de purificação**<sup>29</sup>.

Em *Mitologias*, Roland Barthes faz uma bela exposição sobre o que ele entende por *mito* e afirma, entre tantas coisas, que um mito passa a ser definido não pelo objeto da mensagem e sim pela forma que é proferido. A sua concepção é quase uma atualização do conceito:

---

<sup>24</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Maio”.

<sup>25</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Abril”.

<sup>26</sup> Gallo trabalha como escrivão judiciário no Fórum de Bauru.

<sup>27</sup> BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Emecé Editores: Buenos Aires, 1974, p. 771. O grifo se corresponde com a epígrafe selecionada por Rafael Gallo.

<sup>28</sup> Este seria o terceiro dos temas proposto por Chevalier e Gheerbrant.

<sup>29</sup> CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007, p. 15.



“Seus limites [os do mito] são formais, não substanciais. Então, tudo pode ser um mito? Sim, acredito que sim, porque o universo é infinitamente sugestivo. Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade. Nenhuma lei, natural ou não, impede que se fale das coisas”<sup>30</sup>. Curiosamente, no segundo capítulo do romance o narrador descreve mais uma vez a situação de Ângela nestes termos:

Um filho desaparecido é um filho que morre todos os dias. **Nem mesmo nas mitologias mais cruéis há tragédia equivalente; essa dor nenhum deus teve de suportar.** Cada noite que cai desaba sobre os pais com o peso renovado da notícia: você perdeu sua criança e ela está em algum lugar nessa escuridão afora, desprotegida de seu lar. Essa mensagem silenciosa se impregna nas paredes da casa, nos vãos entre os azulejos, nos ponteiros dos relógios e nas páginas dos calendários, nos retratos da família, no chão que se pisa. É um luto com uma diferença fundamental: alguém que não é reencontrado nunca se perde em definitivo. (...) Se o filho morre todos os dias, sua ressurreição também é constante e dolorosamente insubstancial<sup>31</sup>.

Contida no próprio romance, a ideia de que algum traço mítico atravessa a história de Ângela e Felipe fica logo exposta. Não para afirmar que Rebentar pertence ao gênero mitológico. Não é isso. A interpretação que fazemos tem mais a ver com a frase do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski<sup>32</sup> lembrado por Mircea Eliade em texto próprio: o mito é uma “realidade vivente à qual não se deixa de recorrer”<sup>33</sup>. Quem pense que as narrativas contemporâneas estão isentas de mitologia, terá de começar por lembrar que a ficção *-per se-* é um universo transfigurado.

### Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *Mitologías*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1999, p. 118.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Emecé Editores: Buenos Aires, 1974, p. 771. O grifo se corresponde com a epígrafe selecionada por Rafael Gallo.

CAMPBELL, Joseph. *El héroe de las mil caras. Psicoanálisis del mito*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, pp. 13-14. Grifo nosso.

---

<sup>30</sup> BARTHES, Roland. *Mitologías*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1999, p. 118.

<sup>31</sup> GALLO. *Op. Cit.* Capítulo “Setembro”. Grifo nosso.

<sup>32</sup> Um dos fundadores do campo da antropologia social.

<sup>33</sup> ELIADE, Mircea. “Mito, rito, símbolo. Lecturas antropológicas”, p. 68. In: BOTERO, Fernando e ENDARA, Lourdes (organizadores). *La estructura de los mitos. La importancia del “mito vivo”*. Instituto de Antropología Aplicada: Quito, 2000.

CAMUS, Albert. *El mito de Sísifo*. Versão ePub v2.0, s/d.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007, p. 15.

ELIADE, Mircea. “Mito, rito, símbolo. Lecturas antropológicas”, p. 68. In: BOTERO, Fernando e ENDARA, Lourdes (organizadores). *La estructura de los mitos. La importancia del “mito vivo”*. Instituto de Antropología Aplicada: Quito, 2000.

Estatuto de Roma (1998). In:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/D4388.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4388.htm), consultado em 01.02.18.

GALLO, Rafael. *Rebentar*. Rio de Janeiro: Record, 2015. Versão eletrônica (.epub).

GRAHAM NIETO, Juan José. “Desaparecidos em México: mujeres y jóvenes. Una crisis sin visión ni voz”, in: *Altavoz MX* (11.09.18).  
<https://altavz.com/2018/09/11/desaparecidos-en-mexico-mujeres-y-jovenes-una-tesis-sin-vision-ni-voz>. Consultado em: 20.09.18.

GRIGORIEFF, Vladimir. *Mitologías occidentales*. Robinbook: Barcelona, 1998.

RENEAUM, Tania Panszi: “La incertidumbre de lo desconocido”, *México Social*. In: [mexicosocial.org](http://mexicosocial.org). Consultado em: 01.02.18 (Grupo de Trabalho sobre Desaparecimentos Forçados das Nações Unidas, junho de 2016).